



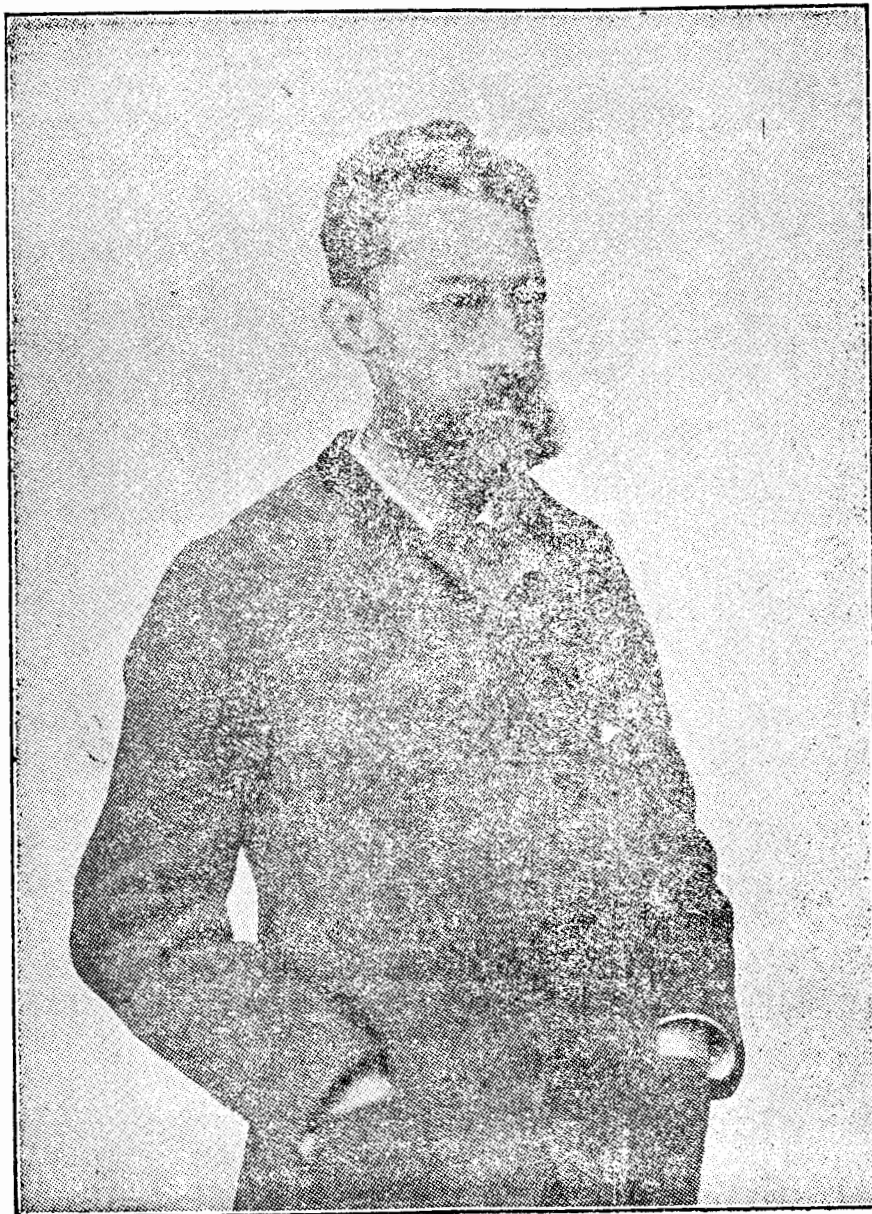
casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



CARTAS DE MARTINS SARMENTO
AO PROFESSOR PEREIRA CALDAS ⁽¹⁾

Ex.^{mo} Snr.

Ia responder a uma carta de V. Ex.^a, inclusa n'outra do empresario da "Borboleta", quando me veio á mão a sua de 10 do corrente. Já respondi ao Sr. Pereira de Magalhães, dizendo-lhe que escreveria o q. pudesse; mas realmente com quasi 44 annos ás costas não sei muito bem o que heide escrever n'um semanario "dedicado ás Damas"!!...

Quanto á Citania, não tenho escripto nada, senão informações em cartas particulares, q. o Holstein aproveitou para o *Diario da Manhã*, n.º 354, e o *Commercio do Porto*, no n.º 221 do 23.º anno. Alguns outros jornaes copiaram.

A *Religião e Patria* (de Guimarães), n.º 4, 21.ª serie, tambem fez obra por informações minhas. No *Commercio de Penafiel*, n.º 45, o Sr. Simão Rodrigues Ferreira alargou-se por sua conta sobre os dados q. forneci ao *Commercio do Porto* e decidiu que a Citania ou foi destruida pelos barbaros, ou pelos arabes (explicação muito commoda). No *New quarterly Review*, de Julho, segundo me informa o Holstein, appareceu

(1) O velho e ilustre Professor Bracarense Dr. *Pereira Caldas* deixou, entre outros preciosos manuscritos, á nossa Sociedade, as cartas que recebeu do Dr. *Martins Sarmiento*. Formam pequeninos cadernos, limpos e cuidadosamente conservados. Algumas, porventura a maioria, não tem datas, mas, a lápis, Pereira Caldas indica para as acima transcritas os annos de 1876-1877, e acrescenta em nota: «Comprovam a concomitancia, entre M. S. e P. C., para a apreciação condigna das ruinas archeologicas da Citania de Britteiros, no paiz e fora d'elle.» —

Theo. Martins Sarmiento

um artigo acerca da Citania, dando-a como uma «*reunião de celleiros*».

O auctor assigna-se com o pseudonymo de *La-touche*, mas é decerto o *Oswald Crawford*, consul inglez no Porto, q. no principio do anno foi ver a Citania e me pediu minuciosas informações sobre o q. eu descobrisse.

Ainda não vi o artigo do jornal inglez, apesar de m'o prometterem. Repito q. ainda nada escrevi acerca da Citania; esquivei-me mesmo a um pedido q. um dos collaboradores no *Instituto*, de Coimbra, me fez para dizer alguma cousa destas ruínas, p. q. as excavações ainda vão muito atrasadas, e tudo q. se escrever por ora, a não ser um inventario dos materiaes d'um estudo *comme il faut*, é extemporaneo. Até hoje tenho tido mais trabalho em *photographar* do que em escrever.

Se V. Ex.^a quizer vêr uma *collecção de photographias*, q. tenho de remetter para o *Instituto*, e que falam mais e melhor q. toda a descripção, posso-lhas mandar. Darei tambem quantas informações desejar.

Dos chamados *estudos prehistoricos* pouco mais conheço do q. os logares communs, q. uns auctores copiam d'outros, principalmente de *Lubbock*. V. Ex.^a tem de certo noticia do livro de *Chabas*, *Études sur l'antiquité historique*, que me parece optimo, para não escorregarmos em exagerações; e do mesmo modo conhece de certo os *Craneæ ethnica* de Quatrefages e Hanny — excellente estudo este. Que novidades posso eu dar a um erudito como V. Ex.^a? Um livro que eu muito aprecio e q. se occupa por muitas vezes da epocha transitoria da idade da pedra á de bronze é o de Frecrik Rougemont, *L'age du bronze*. Não obstante o seu semitismo á *outrance*, é uma obra apreciavel.

V. Ex.^a sabe melhor que eu que quem estuda só encontra problemas sobre problemas, enigmas e mais enigmas, principalmente na historia, não digo d'ha 20, d'ha 4 seculos. As nossas «origens» essas são obscurissimas, porque o alvião e a enxada tem trabalhado pouco, e com hypotheses pouco ou nada se aclara. Mas mesmo no campo das hypotheses, somos d'uma preguiça espantosa. A respeito por exemplo da Lusitania, vio V. Ex.^a q. alguém escrevesse duas paginas

que valham as q. *Belloguet*, «*Ethnogenie gauloise*», escreveu acerca da nossa gente?

Em Hispanha alguma couza se fez. V. Ex.^a leu sem duvida um artigo de *Tubino*, «*Aborigines da Iberia*», no *Jornal d'Antropologia d'Hispanha*.

A onomatologia, q. podia ser um grande subsidio para os estudos historicos, está completamente desprezada. Com os entendidos com quem tenho fallado da Citania, como lhes diga, por exemplo, que é pelo celtismo que a havemos d'explicar, «em certo tempo», como é pelo celtismo q. podemos explicar muitos nomes de montes e rios nossos, quasi todos abanam as orelhas. E todavia temos inscrições positivamente celticas «*Bandia et obricus*» etc., e em qualquer livro acreditado, como o «*Celtische Forschungen*» de Mône, vemos explicados os nomes d'uma grande parte dos nossos rios, que elle aliás não conhece nem de nome...

Realmente não sei a q. proposito vem tudo isto, nem a pressa com que escrevo me permite atar o fio quebrado... O essencial d'esta carta é q., se V. Ex.^a quizer algumas informações da Citania, não tem mais que pedil-as.

De V. Ex.^a Att.^o e Obg.^o

F. Martins Sarmiento.

Ex.^{mo} Snr.

Entreguei ao Visconde de Margaride para este entregar a V. Ex.^a a collecção de photographias de q. tenho fallado. Não as tenho em duplicado; mas escolha V. Ex.^a as que lhe agradarem entre as que vão e mande-me dizer as que quer, que eu tenho aqui os *clichés* e, logo que venham alguns dias de sol, tiro as provas positivas e remetto-lh'as. As que vão hoje estão, como já disse, destinadas para o Instituto e já as demorei mais do que tencionava.

Peço a attenção de V. Ex.^a para as marcas das vazilhas: ARG CAA. Não me posso muito convencer

que sejam ellas marcas d'oleiro. Marcas d'oleiro tenho eu encontrado seis ou sete principalmente em louça vermelha e fina. Ao redactor do *Commercio do Porto*, e como nunca imaginei que a m.^a hypothese apparecesse em letra redonda, disse eu em carta particular que entendia que Arg Camal significava deus (Arg) Camal. Que na Citania houve um quidam notavel chamado Camal, é claro: basta ver q. este nome se repete n'uma padieira e n'uma lage. Sem duvida q. podia haver, alem d'este um oleiro Camal, mas porque é q. este oleiro só marca tres ou quatro vazilhas e deixa de marcar duzias d'outras do mesmo feitio e do mesmo barro? A marca indica o nome do fabricador, ou o nome da pessoa, a quem foram destinadas? Camal é um nome vulgar na nossa epigraphia antiga; mas Camul (e sabe-se que as vogaes se permutam sem grande cerimonia em quasi todas as lingoas), como «orte», é um epitheto dado entre os celtas a *Marte*, ou ao Deus que entre elles o representava. A um archeologo que esgrimia a prol do oleiro, respondi que, por não parecer exagerado, dava a Camal apenas o titulo de «cabecilha, princepe», etc., quando o meu gosto era fazer d'elle um Deus.

Deixe-me V. Ex.^a perguntar-lhe agora a razão por que sempre chama á Citania Cinania?

Entendo eu que será por ver nella a Cinania de Valerio Maximo; mas, havendo, pelo menos, 4 Citanias nas duas Galloecias, a q. Citania se referia o anecdotista romano — digo — a qual das 3 da Galloecia Bracaria do tempo de Bruto — dando de barato 1.^o q. V. M. confundisse os dous nomes, 2.^o que se referisse aos tempos em q. esta região era ainda denominada Lusitania, — e não Galloecia como diz vagamente Strabão? Eu digo vagamente, porque Strabão diz «antigamente» e o titulo de Callaicus dado a Bruto parece indicar q. já no seu tempo o Entre Douro e Minho dava por nome distincto da Lusitania.

Agora o facto d'encontrarmos mais que uma Citania não parece estar dizendo q. este nome não é um nome proprio, mas um nome generico, como cidade, cividade, cidadelhe, cividelhe? Citania — decomposta em Ci, Cea + than não parece grande heresia, porque, segundo Adolphe Pictet, em gothico temos *sethan*, em

alto slavo *zidania*, ambos com a significação d'habitações. No Veda Slavo, cantos pre-historicos da Thracia, onde viveram celtas, falla-se por vezes n'uma cidade *Citai*, num rei de *Citai*. Já me objectaram que, se cithian significava reunião de cazas (*ci*, denotando collectividade — *than*, das, caza, cazas) tinhamos então a palavra «vicus». Muito bem; mas para isto era necessario q. os denominados fossem latinos, e, se em celtico reunião de cazas é cithian, claro é que os celtas não podiam dar ás suas povoações o nome de «Vicus», mas o apropriado era o de Cithan. Os romanos não crismaram tudo. Muitas citanias poderiam mudar para cidades, cividelhes, etc. — algumas outras conservariam os nomes archaicos, principalmente se os romanos as arruinaram. Não nego que tudo isto não passe duma hypothese; mas outra ordem d'estudos convem explorar em todos os sentidos.

Já disse que as explorações ainda estão muito atrasadas, porque o desaterro é enorme, e uma excavação em forma não é para um particular.

As consequencias que hoje quizermos tirar do que está descoberto são extemporaneas e precipitadas. Ainda assim do que está descoberto parece inferir-se q. pela Citania passou o bafejo de mais q. uma civilização. A figurilha que vae inclusa não é de certo romana. De quando em quando apparecem fragmentos ceramicos, desgraçadamente, só fragmentos e pequenissimos que cheiram a uma antiguidade e a uma industria nada romanas.

A que estylo entende V. Ex.^a q. pertence a figurilha de que fallo?

E bastará de massada.

De V. Ex.^a Att.^o e Obg.^o

F. Martins Sarmento.